



EDITORIAL

Artigos de Fluxo Contínuo

Rodrigo Agrellos Costa¹
Diego Fernandes Coelho Nunes²

Em nome da Comissão Editorial da Benjamin Constant, apresentamos o número 68 da *Benjamin Constant*. A partir deste ano, haverá mudanças nas periodicidades da revista, para nos adequarmos melhor à realidade de publicações eletrônicas. A *Benjamin Constant* agora é anual. As Seções e Dossiês Temáticos serão publicadas ao longo do ano, com o fechamento do número acontecendo em dezembro. Com isso, também pretendemos diminuir o tempo de publicação dos artigos. Neste editorial, apresentamos os artigos submetidos ao fluxo contínuo da revista nos últimos 12 meses. Até o final do ano, lançaremos dois Dossiês Temáticos, aprovados em edital lançado ano passado: “A produção científica voltada para a acessibilidade da pessoa com deficiência visual, no contexto escolar: um recorte regional” e “Educação Física, jogos e atividades físicas para pessoas com deficiência visual”.

Na Seção Ensaio e Revisões da Literatura, Priscila Valdênia dos Santos (UFRB), Daniel de Jesus Melo dos Santos (Escola Estadual Pedro Calmon) e Waldson Marcelo dos Santos Silva (IFPB) apresentam o artigo “A Cultura *Maker* na educação em Ciências para pessoas com deficiência visual: um mapeamento do cenário brasileiro”. O estudo revela que, na última década, a Cultura *Maker* tem sido empregada de forma limitada, principalmente para o desenvolvimento de tecnologias assistivas acessíveis, enquanto seu potencial mais amplo como abordagem de aprendizagem ativa e inclusiva continua subutilizado.

Na Seção Artigos Livres, temos cinco textos. No artigo “Uma contribuição à produção de textos em braille utilizando impressoras 3D”, Welber Duarte dos Santos e Naiara Miranda Rust (IBC) trazem uma abordagem inovadora para facilitar o acesso de pessoas com deficiência visual a textos em braille por meio da impressão 3D. O estudo investiga a criação de etiquetas em braille utilizando softwares de modelagem 3D e filamentos específicos, alcançando resultados

1 Instituto Benjamin Constant
Doutor em Ciências pela Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)
E-mail: rodrigoagrellos@ibc.gov.br

2 Instituto Benjamin Constant
Doutorado em Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO)
E-mail: diego.nunes@ibc.gov.br



que mostram ser possível aproximar o texto impresso ao padrão normativo brasileiro, garantindo qualidade e fluidez na leitura. No entanto, ressalta que a efetividade dessa prática depende de diversas variáveis, como clima, equipamentos e materiais utilizados, sugerindo a necessidade de explorar essa técnica em diferentes contextos.

Em sequência, o artigo “Quebra-cabeça tátil de plantas baixas: um recurso de tecnologia assistiva para alunos com deficiência visual”, de Sérgio Renato Mendes Martins e Aires da Conceição Silva (IBC), trata do desenvolvimento de um recurso educativo acessível para promover a Orientação e Mobilidade de pessoas com deficiência visual. Foram criadas três pranchas em formato de quebra-cabeça representando espaços físicos do Instituto Benjamin Constant (IBC), juntamente com um guia para replicação do jogo em outros ambientes. O material foi validado por alunos e revisores com deficiência visual, demonstrando eficácia no fortalecimento de mapas mentais e na percepção espacial. A pesquisa ressalta que o método de produção pode ser adaptado a qualquer instituição, ampliando sua aplicabilidade como tecnologia assistiva inclusiva.

Já no artigo “Uma cosmologia cega sobre os fenômenos celestes”, Marcelo Luiz Bezerra da Silva (UEPA) e Eder Pires de Camargo (UNESP) discutem a percepção de pessoas cegas sobre o Universo, propondo uma nova abordagem para o ensino de Astronomia que integra diferentes cosmologias e cosmogonias. A partir de uma entrevista com uma pessoa cega escolarizada, o estudo investiga como elementos do cosmos, como o céu, o Sol, os planetas e a Lua, são compreendidos e percebidos por ela. Utilizando o método arqueogenealógico de Michel Foucault, a publicação desafia o conceito tradicional de deficiência e promove a “cegueira” como uma construção social que deve ser considerada nas políticas inclusivas e no ensino. Conclui-se que a integração entre Cosmologia e Cosmogonia pode enriquecer as práticas pedagógicas, criando métodos mais inclusivos e diversificados para o ensino da Astronomia.

No artigo “Sequência didática interdisciplinar para alunos videntes e com baixa visão – uma proposta inclusiva”, Monica de Lima Bastos (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro), Valéria Cristina da Silva Corrêa Dias (Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro e Fundação Municipal de Niterói) e Maria Angélica Barbosa de Souza (Secretaria Municipal de Educação de Itaboraí) propõem uma sequência didática (SD) para o Ensino Médio que integra estudantes com baixa visão e videntes, seguindo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Com o tema “Ética nas Relações”, a SD utiliza metodologias ativas de ensino, como o modelo de rotação por estações, e recursos acessíveis, como jogos de tabuleiro, vídeos, textos e áudios. Fundamentado em autores como Zabala, Gagliardo, Nobre, Moran e Vygotsky, o trabalho defende a importância de práticas pedagógicas inclusivas, destacando o papel do professor em promover interações sociais que atendam às necessidades específicas de todos os alunos, garantindo a acessibilidade e o aprendizado inclusivo em sala de aula.



Encerrando a Seção com o texto “O discurso sobre políticas públicas relacionadas à educação de pessoas com deficiência visual na primeira Revista Brasileira para Cegos (RBC)”, Jefferson Gomes de Moura, Evelyn Goyannes Dill Orrico e Eliezer Pires da Silva, todos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), analisam o discurso presente no primeiro exemplar da RBC, publicado em 1942, pelo Instituto Benjamin Constant. A investigação reconstrói a memória das políticas públicas voltadas à educação de pessoas com deficiência visual, destacando como as marcas discursivas da época refletem em políticas atuais, como as de 1994, 2008 e 2020. Utilizando a análise do discurso de Michel Pêcheux, o estudo revela que o conteúdo da revista evidencia a intersecção de diferentes abordagens (assistencialismo, educação especializada e educação inclusiva), gerando impactos duradouros na garantia dos direitos das pessoas com deficiência visual. O artigo, originado de pesquisa de mestrado, aponta para a continuidade desse processo na elaboração das políticas públicas contemporâneas.

A Seção Relatos de Experiência Livres conta com três textos. No artigo “Promovendo a socialização e inclusão de uma aluna cega através de um jogo de cartas adaptado em braille: uma revisão de Potências e Raízes”, Aline de Souza Muniz, Thaís Philipsen Grützmann e Vanessa Silva da Luz, todas da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), abordam o desenvolvimento do jogo de cartas Pife adaptado em braille para promover a inclusão e o aprendizado matemático de uma aluna cega em uma escola pública de Pelotas, no Rio Grande do Sul. O jogo foi criado para permitir a participação autônoma da estudante, adaptando regras e materiais com o uso do código braille. A pesquisa envolveu a aplicação de um questionário a 20 alunos do 9º ano, que avaliaram a eficácia do jogo na socialização e no aprendizado da disciplina. Os resultados indicam que o jogo favoreceu a inclusão e a interação, tornando as aulas mais dinâmicas e colaborativas, além de ser uma ferramenta eficaz para o ensino de conteúdos matemáticos a alunos cegos.

O artigo “Implantação de Serviços de Reabilitação da pessoa com deficiência visual na 7ª região de saúde do Rio Grande do Norte”, de Luzia Guacira dos Santos Silva (Instituto de Ensino e Pesquisa Alberto Santos Dumont), apresenta o processo de implementação de serviços de reabilitação para pessoas com deficiência visual no Instituto de Ensino e Pesquisa Alberto Santos Dumont (ISD), em Macaíba/RN, entre 2022 e 2023. A partir de uma abordagem quali-quantitativa e exploratória, foram desenvolvidas ações como a Linha de Atenção e Cuidado ReVer, além de serviços de reabilitação visual, palestras e oficinas para profissionais da Saúde e Educação. O estudo destaca a inclusão de pessoas com cegueira adquirida em programas de Orientação e Mobilidade e Informática Acessível, com resultados positivos que impactaram a qualidade de vida dos atendidos e a prática dos profissionais envolvidos. O artigo também ressalta que a iniciativa está ajudando a preencher o vazio assistencial em reabilitação visual na 7ª região de saúde do Rio Grande do Norte.



Por último, no artigo “Símbolos táteis para o ensino de óptica geométrica a estudantes com deficiência visual”, Maria Luiza Barbosa Pertence e Adriana Gomes Dickman, ambas da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, relatam o desenvolvimento e a aplicação de símbolos em relevo para representar diagramas de óptica geométrica, facilitando o aprendizado de alunos com deficiência visual. O projeto foi realizado em três etapas: criação dos símbolos com auxílio de uma revisora de braille, aplicação em sala de aula, e entrevistas com os participantes. Testes realizados em escolas revelaram que os símbolos foram bem recebidos, proporcionando melhor compreensão dos conteúdos. O estudo destacou a falta de materiais e professores capacitados para o ensino inclusivo, mas demonstrou que os símbolos táteis são uma ferramenta promissora para promover inclusão e autonomia no ensino de óptica geométrica. A criação de símbolos mais complexos e a construção de um glossário podem expandir ainda mais as possibilidades de aprendizado.

Esses estudos reforçam a importância de uma educação inclusiva que contemple, de forma efetiva, as necessidades de estudantes com deficiência visual, utilizando abordagens inovadoras e recursos acessíveis. Eles evidenciam que, para garantir uma educação verdadeiramente inclusiva e equitativa, é fundamental repensar metodologias e desenvolver ferramentas que promovam autonomia e socialização, favorecendo o aprendizado e a cidadania plena dessas pessoas. Os trabalhos apresentados aqui destacam não apenas os desafios da inclusão, mas também as soluções criativas e transformadoras que podem ser aplicadas em diferentes contextos educacionais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e acessível.